

TEOLOGIA, PSICOLOGIAS E RESPONSABILIDADE

THEOLOGY, PSYCHOLOGIES AND RESPONSIBILITY

Andreza Saraiva da Silva*
Bruno da Silveira Albuquerque**

RESUMO

O presente texto tem como objetivo principal discutir brevemente sobre a articulação entre Teologia, Psicologia e Psicanálise, tendo em vista o tema da responsabilidade como aspecto fundamental da maturidade do sujeito. Para esse propósito, dividimos a pesquisa em três partes: em primeiro lugar, vamos considerar a posição dualista sobre a constituição do ser humano, e os problemas que causou sobre o mundo ocidental. Na segunda parte, após a crítica ao dualismo de matriz grega, abordaremos acerca de duas contribuições modernas do campo “Psi” em virtude da pesquisa científica com enfoque central no tema da responsabilidade: a Psicanálise de Sigmund Freud e a contribuição da Logoterapia de Viktor Frankl. Por fim, a modo de conclusão, vamos pontuar algumas observações de ordem prática, indicando-se um diálogo entre as abordagens teológica e científica, para uma compreensão da responsabilidade humana no contexto eclesial e pastoral.

Palavras-Chaves

Teologia. Psicologia. Responsabilidade. Psicanálise. Logoterapia

ABSTRACT

The main objective of this text is to briefly discuss the articulation between Theology, Psychology and Psychoanalysis, considering the theme of responsibility as a fundamental aspect of the subject's maturity. For this purpose, we divide the research into three parts: firstly, we will consider the dualist position on the constitution of the human being, and the problems it has caused in the Western world. In the second part, after criticizing Greek dualism, we will discuss two modern contributions from the “Psy” field due to scientific research with a central approach to the theme of responsibility: Sigmund Freud's Psychoanalysis and the contribution of Viktor Frankl's Logotherapy. Finally, by way of conclusion, we will point out some practical observations, indicating a dialogue between theological and scientific approaches, for an understanding of human responsibility in the ecclesiastical and pastoral context.

Keywords

Theology. Psychologies. Responsibility. Psychoanalysis. Logotherapy.

* Especialista em Teoria Psicanalítica, Licenciada em Ciências Biológicas, Concluinte em Psicologia pela Universidade do Grande Rio, participante do Fórum do Campo Lacaniano da Região Serrana/ RJ.

E-mail: andrezasaraivapsi@gmail.com

** Doutor e Mestre em Teologia (PUC-Rio), professor de Ensino Religioso na rede municipal de educação de Itatiaia-RJ.

E-mail: poeta.bruno@gmail.com

INTRODUÇÃO

O que geralmente é chamado de *desenvolvimento humano* apresenta-se como um campo de estudo multidisciplinar que se concentra no crescimento, na mudança e na adaptação das pessoas ao longo de suas vidas. Trata das diversas etapas de crescimento e maturação da pessoa, nas dimensões física, cognitiva, emocional e social, desde o nascimento até a idade adulta. Este campo abrange uma ampla gama de áreas de pesquisa a partir de uma perspectiva *biopsicossocial*, incluindo a Psicanálise, a Psicologia do desenvolvimento, as Ciências Sociais, Biologia, Filosofia, Educação e outras disciplinas.

A Teologia e as Ciências da Religião também contribuem com o tema desde o horizonte da fé comunitária e da análise dos fenômenos religiosos, respectivamente. De modo específico, a Teologia possui uma condição peculiar no tratamento das questões suscitadas pelo humano integral. Assim, optamos mais pelos termos *maturação* ou *amadurecimento* em lugar de desenvolvimento.

Não é nossa intenção elucidar profundamente a contribuição da Teologia ao tema, mas pontuar que não há contradição entre a mensagem de Jesus de Nazaré tal como interpretada nos Evangelhos e o que conhecemos atualmente a respeito de uma concepção integral do sujeito, da pessoa humana em processo de amadurecimento. Entretanto, há aspectos críticos em torno disso. O Cristianismo sempre estabelece uma antropologia (discurso sobre o ser humano) velada em sua teologia (discurso sobre Deus), como diria o filósofo Ludwig Feuerbach:

A religião é a cisão do homem consigo mesmo: ele estabelece Deus como um ser anteposto a ele. Deus não é o que o homem é, o homem não é o que Deus é. Deus é o ser infinito, o homem o finito; Deus é perfeito, o homem imperfeito; Deus é eterno, o homem transitório; Deus é plenipotente, o homem impotente; Deus é santo, o homem é pecador. Deus e homem são extremos: Deus é o unicamente positivo, o cerne de todas as realidades, o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades. [...] na religião o homem objetiva a sua própria essência secreta. O que deve ser demonstrado é então que esta oposição, que esta cisão entre Deus e homem, com a qual se inicia a religião, é uma cisão do homem com a sua própria essência (FEUERBACH, 2007, p. 63).

A crítica à religião cristã como forma de alienação do ser humano já foi anunciada por filósofos como Feuerbach, Marx e Nietzsche, no século XIX, e categoricamente reiterada também em alguns textos de Freud¹, no século XX. Esses autores consideram a religião como algo que pretende retirar de cena a autonomia humana e sua responsabilidade frente aos dilemas e injustiças. Embora seja uma crítica válida, considerando ter sido pertinente a uma determinada época e tradição filosófica, porquanto pautada na análise das contradições das instituições religiosas que esses autores conheceram de perto, ela não se sustentaria diante de um exame mais atento da realidade complexa das religiões.

A despeito da crítica realizada, no tocante à questão “o que é o ser humano?”, no Cristianismo, o Deus Pai de Jesus poderia ser concebido como “realização plena do humano”, segundo Queiruga (1993), e não como cisão ou negação do humano. Algum tipo de cisão, em tese, já constitui a existência humana apreendida concretamente, mas, em algumas situações, a religião pode apresentar um potencial para reforçar ainda mais essa condição tensa. Com isso, vale enunciar que um dos aspectos que mais empobreceram o caráter afirmativo da Teologia cristã a partir do seu segundo século

¹ Sobre a obra específica de Freud, dedicamos um comentário na segunda parte do artigo.

foi certamente a influência do dualismo de origem grega no pensamento cristão, que desfigurou e fragmentou a realidade humana.

O DUALISMO COMO PROBLEMA ANTROPOLÓGICO

Segundo García Rubio (2001), no âmbito ocidental, o dualismo antropológico corresponde a uma forma de pensar em chave de oposição e exclusão. Isto é, no esquema dualista do pensamento, a realidade concreta e material não teria valor, somente as realidades ditas racionais, espirituais ou ideais. Platão (427-387 a.C.) ensinava que existem dois mundos opostos, o inteligível (superior) e o sensível (inferior). Os elementos do mundo sensível seriam apenas cópias imperfeitas de ideias que habitam somente o mundo inteligível. Com isso, o dualismo passou também a ser assumido como oposição entre corpo (matéria, inferior) e alma (razão, superior), sendo que o corpo nesse contexto seria um “cárcere” ou “prisão” da alma.

Essa tese contrapõe frontalmente a complexa leitura religiosa judaica, presente em toda a Bíblia Hebraica. Segundo a antropologia dos povos semitas - habitantes do Oriente Médio e Palestina como fenícios, cananeus, assírios e babilônios -, o ser humano seria uma unidade indivisível e só pode ser compreendido como um ser integral, mesmo em um hipotético cenário pós-morte. As Escrituras foram redigidas a partir desse horizonte antropológico semita, que, de acordo com García Rubio (2001), buscava sintetizar de modo unitário as múltiplas dimensões da existência concreta do ser humano.

Quando os primeiros cristãos deixam seu ambiente estritamente judaico e passam a anunciar o Cristo em outros ambientes no mundo greco-romano, encontram-se com diversas culturas e filosofias de base platônica e helenista. Isso acarretou uma mudança em sua linguagem teológica, inclusive, na tentativa de se desfazer de mal-entendidos como a controvérsia gnóstica. Segundo Wanderley Rosa (2010), a teologia gnóstica no interior de algumas Igrejas, com sua desvalorização do corpo e da matéria, teria sido a grande porta de entrada do dualismo platônico no Cristianismo do século II.

Diante das situações apresentadas, observamos que, historicamente, as leituras dualistas mantiveram sua influência sobre a construção do conhecimento e das relações humanas no mundo ocidental cristão. Passando pelos séculos dos Pais da Igreja até o período escolástico (séculos XI a XIV), o dualismo se configurou em diversas linhas teológicas e filosóficas, tanto no universo católico romano, quanto nas Igrejas ortodoxas orientais e mais tarde nas Igrejas protestantes. Algumas dessas teologias dicotômicas, que via de regra valorizam mais o divino do que o humano, legitimaram abusos como a Inquisição, as guerras religiosas a exemplo das Cruzadas, e as colonizações como a Ibérico-católica na América Latina. Dessa forma:

Vemos assim que a teologia não serve mais como instrumento de reflexão sobre a fé visando ao serviço fraterno e à afirmação da igualdade intrínseca de todas as pessoas, mas torna-se instrumento de domesticação a serviço do Estado escravocrata e injusto (ROSA, 2010, p. 69).

Não somente no campo teológico, o dualismo também se manteve como modelo filosófico na obra de René Descartes (1596-1650), o qual estabeleceu diversas bases para a ciência moderna e para o racionalismo, com sua divisão entre “coisa pensante” (res cogitans) e “coisa extensa” (res extensa). Com as ciências, estabeleceu-se uma espécie de fragmentação contínua dos saberes e métodos de pesquisa, bem como, em última análise, ficou claramente fragmentada a própria noção sobre o ser humano. O

teólogo Hans Walter Wolff relembrou o desafio da investigação científica sobre a realidade humana:

A questão de como solucionar cientificamente a tarefa de elaborar uma teoria confiável acerca do ser humano é inevitável, porque o pesquisador se encontra, neste caso, diante daquele limite último em que é simplesmente impossível resolver o problema da impossibilidade de objetivação. Na mesma medida em que uma pessoa não pode se colocar em frente de si mesma nem observar-se de todos os lados, na mesma medida em que uma criança não pode saber, por si mesma, quem são seus pais, o ser humano precisa fundamentalmente do encontro com um outro que o investigue e explique. Mas onde está este outro a quem o ser humano possa perguntar: quem sou eu? (WOLFF, 2007, p. 22).

Mediante as psicopatologias condicionadas pelo contexto socioeconômico moderno, as ciências do campo “Psi” ou ciências da *psique*, como a Psiquiatria, a Psicologia e a Psicanálise, cada uma em seu tempo e a seu modo, assumiram caminhos de recomposição do sujeito outrora fragmentado à maneira dualista, recolocando-se, portanto, a integralidade da pessoa humana: corpo, racionalidade, sexualidade, afetividade, emoções, moralidade, pulsões, consciência, inconsciente etc. As pesquisas teóricas e as consequentes abordagens psicoterapêuticas, em suas diversidades, têm fundamentado uma orientação mais holística sobre o ser humano, salientando-se sempre sua complexidade interior.

Percebe-se, desde o século XIX, que têm sido elaboradas diversas teorias psicológicas e psicoterapias interessadas na ontogênese e na filogênese do ser humano em sua relação com o mundo e consigo mesmo. Nesse âmbito é que o campo de reflexões sobre a responsabilidade e a maturidade aparece como algo que integra uma busca maior, para além das preocupações éticas dos filósofos: o tratamento de doenças psíquicas e psicossomáticas de nosso tempo.

Considerando-se, então, que o ser humano seria uma unidade não apenas do ponto de vista multidimensional e metafísico, mas também do ponto de vista histórico, social e orgânico, as questões e teses levantadas pelas Psicologias contemporâneas são de grande valor para esclarecer de que maneira a trajetória de vida de cada pessoa desde seu nascimento se revela importante - e em parte determinante - para a sua realidade atual, sua condição atual. O que se pode dizer sobre o tema da responsabilidade, tomando como modelos a Psicanálise e a Logoterapia?

A RESPONSABILIDADE HUMANA SEGUNDO FREUD E FRANKL

Os dois autores sobre quem vamos versar brevemente em virtude do tema da responsabilidade humana não são *desenvolvimentistas* (no sentido anglo-europeu capitalista), e em boa medida expressaram aversão a explicações meramente ideológicas sobre o assunto em foco. Ambos fornecem pistas valiosas para a criação de meios com que cada pessoa possa sobreviver em meio ao sofrimento, resistindo à angústia e elaborando o próprio vazio que permeia a existência. Essas pistas poderão, eventualmente, entrar em diálogo com a Teologia e a perspectiva cristã, sem que esse diálogo seja reduzido ao mero conflito. Trata-se de um exercício a ser esboçado na parte conclusiva deste artigo. No presente tópico, faremos uma breve revisão de alguns apontamentos críticos de Freud sobre a religião como alienação da responsabilidade, e da abordagem conhecida como logoterapia, de Viktor Frankl.

Sigmund Freud (1856-1939), por meio da criação da Psicanálise na passagem do século XIX para o século XX, foi aquele que estabeleceu uma das principais críticas à religião como sendo uma “neurose obsessiva universal” da humanidade (FREUD,

2019, p. 111) . Não é necessário aqui reproduzir a réplica defensiva do pastor, psicanalista e amigo pessoal de Freud, o suíço Oskar Pfister (1873-1956) ou do psiquiatra protestante suíço da geração seguinte, Paul Tournier (1898-1986), em seu estudo “Culpa e Graça” (TOURNIER, 2015), uma das obras teológicas do século XX mais vendidas entre os evangélicos no Brasil. É importante compreender as condições que conduziram Freud à crítica da religião.

Seu objetivo, além de ter expressado grande otimismo em relação ao avanço da ciência - em especial a Psicanálise - como uma espécie de *substituta* da religião, incluía também a constatação da incoerência na pretensão religiosa de vida eterna que no fundo aliena as pessoas, institui preconceitos, estabelece repressão e culpa, e além disso, parece não favorecer um senso real de responsabilidade. O modelo religioso criticado por Freud seria o retorno infantil ao pai divino e onipotente, a quem sempre se apela diante da dureza da realidade. Philippe Julien (2010), então pergunta: de que religião exatamente Freud estaria falando?

Não à toa, Freud discorreu longamente sobre o que ele considerava os danos causados pelo Cristianismo na formação do mundo ocidental em suas obras como Totem e Tabu, Moisés e o Monoteísmo, O Futuro de uma Ilusão e O Mal-Estar na Civilização. (...) Desde o início a questão religiosa, mormente, a religiosidade cristã esteve na base das reflexões de Freud acerca do problema do sofrimento humano. Para ele, o Cristianismo europeu tinha grande responsabilidade na construção de uma sociedade cheia de culpa, desconfortável com o corpo e os desejos, a partir de suas crenças fundamentais num Deus onipresente, rigoroso, moralista, um Deus (...) para quem todos teríamos de prestar contas um dia (ROSA, 2010, p. 52).

Segundo Freud (2020), em sua obra *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921, a diminuição gradual da intolerância e da violência no mundo estaria de certa forma condicionada à perda gradual do sentimento religioso. Esse sentimento seria equivalente ao “sentimento do desamparo infantil” (FREUD, 2011, p. 16), resumindo-se nessa expressão algo de prejudicial a qualquer maturação e inserção do sujeito em uma condição de maturidade. A noção de universalidade, ao ser acrescida à ideia do amor cristão, conclui Freud (2011), tornou inevitável a intolerância religiosa do Cristianismo perante os que permaneceram fora dele.

A Psicanálise considera claramente a complexidade e a subjetividade de cada pessoa, em especial aquelas que sofrem das típicas psiconeuroses estudadas por Freud. Embora o sujeito não esteja dividido de forma dualista como estrutura corpo x alma, ele sofre com cisões e rupturas psíquicas, relacionadas com sua sexualidade, repressões, recalques. Além disso, a pessoa deverá internalizar em sua vida a dura imposição das regras da moral social e se considerar impotente frente às mais diversas formas de injustiça. Nesse sentido, como se poderia contornar de maneira menos prejudicial essas condições que geram tanto sofrimento?

De acordo com Hans Küng (2010, p. 77), a crítica freudiana à religião se sustenta como “defesa da sinceridade e da honradez no convívio com a religião”. Freud evoca e enfatiza sempre a responsabilidade diante da vida e das circunstâncias, sem apelar a alguma força sobrenatural. Para uma de suas primeiras pacientes, e que foi protagonista do famoso “Caso Dora”, Freud (2016) deixou uma importante provocação:

Freud diz à Dora: Veja qual é a sua própria parte na desordem de que você se queixa. O que Freud faz é retificar a situação perguntando: "Qual a sua participação nisso?", "Qual a sua responsabilidade na desordem da qual você se

queixa?" Tal retificação permite a Dora compreender a sua responsabilidade (COUTO, 2004, p. 274).

Nesse aspecto, não há como negar que o questionamento de Freud interpela qualquer pessoa que esteja disposta a verificar seus valores, inclusive os religiosos, não necessariamente a ponto de abandoná-los, mas com o discernimento da necessária coerência e mudança de postura ante sua realidade mais íntima em torno dos princípios que professa.

Além da reflexão freudiana em apreço, outro grande nome que se destacou por uma abordagem psicoterapêutica foi o neurologista e psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997), filho da mesma cidade de Viena, onde Freud permaneceu a maior parte de sua carreira como médico e analista. A partir da década de 1920, já como estudante de medicina na Universidade de Viena, o jovem Frankl se correspondeu com o pai da Psicanálise o qual encorajava-o em suas pesquisas.

O trauma do campo de concentração assolou a vida de Viktor e de sua família, que era de ascendência judaica. Os nazistas impuseram grande sofrimento ao médico que trabalhava em um hospital de Viena nos anos 1930, numa ala conhecida como pavilhão dos suicidas. Frankl sobreviveu à barbárie do holocausto durante a II Guerra, tendo sido submetido a trabalhos forçados diante dos soldados de Hitler, após três longos anos. Seu testemunho ficou registrado na obra que é considerada sua obra magna, escrita durante o período de confinamento. Ela se chama “Em busca de sentido” (FRANKL, 1991).

O autor fundou aquela que seria considerada a terceira escola terapêutica de Viena: a primeira veio com Freud em 1900, com a invenção da Psicanálise; a segunda veio por volta de 1912, com o médico Alfred Adler (1870-1937), o qual rompeu com a Psicanálise freudiana e fundou a Psicologia Individual; a terceira escola surgiu com Viktor Frankl, a chamada *Logoterapia*, que tem por horizonte central a busca pelo sentido na vida.

A teoria de Viktor Emil Frankl, conhecida como logoterapia ou psicologia do sentido da vida, assenta-se em pressupostos humanístico-existenciais. Ela teve início em meio às catástrofes da Segunda Guerra Mundial e ao sofrimento passado em quatro campos de concentração nazista. Naquele cenário, Frankl encontrou, além da confirmação de sua interpretação da obra de Sigmund Freud a sua singular contribuição no campo do conhecimento, no qual defende a existência de seres humanos voltados para a vontade de sentido (RODRIGUES; BARROS, 2009, p. 12).

Além do diálogo com Freud e Adler, teóricos mais próximos no tempo e na geografia vienense, Frankl também estabeleceu uma linha de diálogo com filósofos como Max Scheler (1875-1928), Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Immanuel Kant (1724-1804) em uma direção mais crítica. Foi em uma frase de Nietzsche que Viktor encontrou uma das bases mais importantes para sua abordagem: “quem tem um porquê viver suporta quase todo como” (NIETZSCHE apud VERAS et al., p. 102).

Quem conhece um sentido para a sua vida encontra, na consciência desse fato, mais do que em outra fonte, ajuda para a superação das dificuldades externas e dos desconfortos internos. Disto se infere a importância que tem, sob o aspecto terapêutico, a ajuda a ser prestada ao homem no afã de encontrar o sentido de sua existência e de nele acordar, enfim, o desejo semidormente do sentido (FRANKL, 1991, p. 32).

A vida, encarada com seriedade, como algo singular e de máxima importância, para Frankl evoca um sentido a ser buscado pelo sujeito. Essa ênfase na busca por

sentido faz da Logoterapia algo divergente da Psicologia individual de Adler centrada no “eu”, e da Psicanálise de Freud com sua teoria sexual. Essa leitura de Frankl diverge de seus contemporâneos, não somente pelo seu ponto de partida muito mais enraizado na experiência traumática do Holocausto, mas também devido à sua ligação com o existencialismo, como bem lembrou Andrade (2018).

Para o existencialismo, movimento filosófico importante cujos principais protagonistas seriam Sören Kierkegaard, Martin Heidegger, Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, reivindicam-se a liberdade e a responsabilidade como decisões radicais do ser humano diante da angústia e do vazio existencial. Em consequência, destacamos aqui a concepção de *responsabilidade*, notada como um dos conceitos mais importantes também no estabelecimento da Logoterapia de Viktor Frankl:

Responsabilidade, na perspectiva de Frankl, diz respeito à capacidade de responder pelos atos realizados, distanciando-se do conceito vulgarmente relacionado a um caráter moralista, no qual o ser humano seria coagido a agir de acordo com normas introjetadas; ou seja, responsabilizar-se se refere a assumir a própria liberdade e se posicionar perante si mesmo e a sociedade. Sendo assim, cabe ao homem em sua liberdade efetiva para se posicionar no mundo, manifestando, então, a “irrepetibilidade e caráter de algo único” constituinte de cada homem (ANDRADE, 2018, p. 106).

RESSONÂNCIAS NA ESFERA TEOLÓGICA

A modo de conclusão, devemos considerar que o ser humano é uma unidade substancial, ele não deve ser *pensado* de forma dualista. Embora a Teologia cristã tenha sido bastante influenciada pelo dualismo platônico, por outro lado, o diálogo com outras áreas poderá ampliar o horizonte da atuação das Igrejas no tempo presente, com maior senso de responsabilidade e liberdade, os quais seriam dois valores que se correspondem mutuamente. Algumas pistas podem ser indicadas nesse contexto, considerando-se as críticas realizadas por Freud e a alternativa proposta por Frankl, além da recuperação da intuição fundamental da fé cristã, com base no exemplo de Jesus de Nazaré.

- 1) A prática religiosa, por si só, não dá conta de estabelecer e fundamentar a responsabilidade em sua totalidade. Julien (2010) relembra que a noção cristã de responsabilidade, em suas raízes, não equivale a obedecer à Igreja ou ao Estado, e sim à consciência, pois nem sempre o que é *legal* é *legítimo*, e vice-versa. Por exemplo, o que Jesus ensinou sobre a lei do sábado?
- 2) Apesar das críticas dos modernos à religião, devido à inclinação potencial do discurso religioso a condicionamentos psicossociais relacionados com a ilusão e a alienação, o abandono da fé não é a única opção. Vale ressaltar, como apontou Hans Küng (2010, p. 82), que os “psicólogos e teólogos, ‘médicos da alma’ e pastores têm hoje inúmeras ocasiões para uma intensa colaboração”, a exemplo da correspondência entre Freud e o pastor Oskar Pfister, estudada com afinco pelo teólogo Carlos Dominguez Morano (2008).

- 3) Segundo Gevaert (1983), em última instância, nenhum ser humano é totalmente determinado pela natureza, pela sociedade ou pelo Estado, pois ele é capaz de exercer suas ações e decisões correlacionando-as com o que julga e aprova de modo consciente. Dessa forma, a liberdade humana pode ser considerada como libertação do que determina ou indetermina a história do sujeito, mas essa liberdade é caminho, nunca uma chegada.
- 4) Responsabilidade e liberdade são aspectos correlacionados essenciais no processo de amadurecimento da pessoa. De acordo com García Rubio (2008), não seria difícil constatar nas Igrejas inúmeras atitudes marcadas pelo infantilismo religioso, um psiquismo que se mostra imaturo, repleto de ilusões e mentiras. No entanto, não há de se generalizar uma visão pessimista sobre a religião, e, além disso, segundo García Rubio (2008, p. 98), “nunca deveria ocorrer a sacralização de comportamentos e atitudes infantis, ilusórios e alienantes, confundidos com espiritualidades”. Ao contrário, o caminhar da fé em Jesus Cristo orienta pacientemente para a gradativa superação das imagens de um Deus Pai onipotente que infantiliza o ser humano. “O Deus Pai de Jesus não soluciona os problemas humanos com um passe de mágica, do mesmo modo como não tirou o Filho amado da cruz nem converteu as pedras em pão para saciar sua fome no deserto” (RUBIO, 2008, p. 125).
- 5) Viktor Frankl, por fim, teve o mérito de fazer dialogar a Psicologia com as questões teológicas, compreendendo que os terapeutas deveriam atentar mais para algo como a espiritualidade humana a partir do período pós-guerra. O autor notou que Deus não seria mais a razão última para a falta de sentido do mundo moderno, mas justamente a razão para a construção de sentido para um grande número de pessoas. A falta de sentido não seria mais caracterizada somente pelo excesso de repressão e pela moral sexual rígida. Segundo Küng (2010, p. 98), acrescenta-se que, diferentemente dos tempos de Freud, a falta de sentido também seria a “falta de orientação, a ausência de normas e de significado, a ausência de sentido, o vazio e, com isso, a repressão da moralidade e da religiosidade”.
- 6) Diante da falta de sentido resultante do excesso ou ausência de limites, fica o vazio existencial, que não subtrai a responsabilidade humana, apesar do sofrimento. Quando relembremos a história de Jesus de Nazaré, notamos que ele jamais sacralizou o sofrimento, nem o desprezou como algo sem valor, nem se vitimizou, mas, antes assumiu a responsabilidade de suas decisões, mesmo que isso lhe custasse a própria vida.

REFERÊNCIAS Bibliográficas

ANDRADE, Cristiano de Jesus. **Viktor Frankl: O sentido da Logoterapia e sua atualidade contextual**. In: Psicólogo Informação, São Bernardo do Campo, ano 21-22, n. 21-22, jan./dez. 2017-2018, p. 99-114.

COUTO, Luis Flávio S. **Dora, uma experiência dialética**. In: *Ágora*, Rio de Janeiro, v. VII, n. 2, jul/dez. 2004, p. 265-278. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/dgdkGbhBHSMH7CCS6vNsWkS/?format=pdf&lang=pt/> Acesso em 25 set. 2023.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do Cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1991.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. 2.ed. Porto Alegre: LP & M, 2019.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Porto Alegre: LP & M, 2020.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de um histeria (“O caso Dora”) e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GEVAERT, Joseph. **El problema del hombre. Introducción a la Antropología filosófica**. 5.ed. Salamanca: Sígueme, 1983.

JULIEN, Philippe. **A Psicanálise e o religioso: Freud, Jung, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. 2.ed. Campinas: Verus, 2010.

MORANO, Carlos Dominguez. **Psicanálise e religião: um diálogo interminável: Sigmund Freud e Oskar Pfister**. São Paulo: Loyola, 2008.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Creio em Deus Pai. O Deus de Jesus como afirmação plena do humano**. São Paulo: Paulus, 1993.

RODRIGUES, Larissa Assunção; BARROS, Lúcio Alves. **Sobre o fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à Psicologia**. In: *Estudos*, Goiânia, v. 36, n. 1/2, p. 11-31, jan./fev. 2009. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/viewFile/1016/714/> Acesso em 24 set. 2023.

ROSA, Wanderley. **O dualismo na teologia cristã. A deformação da antropologia bíblica e suas consequências**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

RUBIO, Alfonso García. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008.

RUBIO, Alfonso García. **Unidade na Pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2001.

TOURNIER, Paul. **Culpa e graça. Uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho.** Viçosa: Ultimato; São Paulo: ABU Editora, 2015.

VERAS, Alan et al. **Sobre a genealogia intelectual de Viktor Emil Frankl.** In: Logos & Existência, 3 (2), 95-105, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/20197/12365/> Acesso em 24 set. 2023.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2007.